NATUREZA E HISTORIA

EURYALO CANNABRAVA

O SR. SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, crítico literário ferrado de cultura filosófica, em uma das suas crônicas publicadas no "Diário Carioca", fez alguns comentários sobre duas comunicações que tive a honra de apresentar ao Congresso Brasileiro de Filosofia. As observações do excelente crítico paulista ferem em cheio alguns pontos fundamentais que se relacionam com as deficiências e irremediáveis desvios da atividade especulativa entre nós.

E' inegável que os trabalhos reunidos agora nos "Anais" do referido Congresso estão longe de confirmar a existência, no Brasil, das vocações filosóficas de primeira ordem. A maioria das comunicações se caracteriza por singular abstinência em matéria de idéias; os congressistas em geral preferiram debater as questões históricas da filosofia do que enfrentar corajosamente os seus problemas. Diversos trabalhos não apresentaram qualquer vestígio de originalidade, limitando-se os seus autores a catalogar citações sobre os assuntos mais variados, sem preocupação alguma de coerência e unidade no curso da exposição.

Nada mais lamentável do que essa incapacidade, tão generalizada entre nós, de distinguir o que é simples memorização erudita daquilo que revela penetração crítica e capacidade de análise. Há, sem dúvida, certa resistência ao esforço crítico que se manifesta através da adesão incondicional aos sistemas especulativos e da recusa obstinada em rever os fundamentos de nossas convicções mais profundas.

Discutindo, anos atrás, com um amigo que se mostrava exageradamente receptivo aos ensinamentos da filosofia cristã, tive oportunidade de lhe fazer várias perguntas indiscretas. Entre estas, lembro-me de algumas que o irritaram bastante: "Se você acredita que Jacques Maritain é um gênio, qual o

adjetivo que reservará para São Tomaz, em cuja obra o escritor francês foi buscar tôdas as suas idéias? E se você teima em proclamar que São Tomaz é um super-gênio, que qualificativo aplicará a Aristóteles, inspirador de pelo menos dois terços da filosofia tomista?"

E' claro que essas perguntas ficaram até agora sem resposta: tudo isso indica, entretanto que o entusiasmo fácil por idéias alheias nem sempre é acompanhado pela tentativa de examinar criticamente as verdadeiras razões de nossa admiração. E se alguém nos força a apresentar evidências que justifiquem a aceitação de certos sistemas ou credos filosóficos, torna-se difícil dissimular a gratuidade de nossa adesão.

Foi assim que se difundiu, nos últimos tempos, entre os círculos filosóficos da América Latina, fascinados pelo sortilégio do pensamento germânico, que existem fundamentos sérios para a distinção entre as ciências naturais e as ciências histórico-culturais. Os adeptos (quase sempre sectários e intransigentes!) dessa famosa dicotomização do grupo das ciências julgam-se inteiramente dispensados de qualquer espécie de justificação. Eles acreditam que a bifurcação das disciplinas em naturais e histórico-culturais deve ser aceita sem maior exame.

O prestígio do nome de Wilhelm Dilthey contribuiu muito para a generalização, na América Latina, de absurda convicção de que existe incompatibilidade ou diferença profunda entre o conhecimento da Natureza e o conhecimento da História. O filósofo Ortega y Gasset encarregou-se da tarefa de cavar um abismo entre a realidade his-

tórica e a realidade natural. Foi ele quem afirmou dogmaticamente que o homem não é natureza e sim história...

Nenhum desses pensadores, porém, jamais se lembrou de demonstrar que a classificação bipartida das ciências encontra apoio em critérios racionais e lógicos. A disciplina competente para estabelecer normas de classificação é a lógica formal. Pergunta-se, portanto, se Dilthey ou Ortega y Gasset, seu discípulo moderno, demonstrou com o necessário rigor que as ciências histórico-sociais satisfazem os requisitos lógicos de objetividade, consistência e ordenação sistemática das disciplinas denominadas positivas.

O filósofo alemão Dilthey nunca se preocupou em provar que existe uma ciência histórica, por exemplo, completamente distinta das ciências naturais: para isso seria indispensável que ele se referisse explicitamente aos característicos e propriedades lógico-formais que distinguem o conhecimento histórico do conhecimento natural.

Cabia-lhe, ainda, a tarefa complementar de justificação da lei histórica, mencionando as razões ponderáveis que o levaram a atribuir a esta última o mesmo STATUS lógico da lei natural. A lei natural se verifica quando se torna possível estabelecer relações quantitativas de proporcionalidade constante entre duas ou mais variáveis. O mesmo por acaso se poderá dizer das supostas leis históricas?

O recurso à filosofia dos valores e a critérios puramente especulativos jamais poderá suprir a ausência de princípios lógicos rigorosos que estabeleçam normas para a classificação bipartida das ciências. Mas a lo-

gica formal não somente separa e divide as disciplinas, como também estabelece critérios para a redução de uma ciência a outra ciência.

Essa redução, como observa Ernest Nagel em artigo recente (1), se verifica somente quando os termos que ocorrem nos enunciados da disciplina secundária (biologia por exemplo) podem ser explicitamente definidos com o auxílio do vocabulário específico das disciplinas primárias (física e química). Essa seria a técnica a se aplicar ao domínio das ciências histórico-sociais (disciplinas secundárias) com o objetivo de reduzi-las ao grupo previamente formalizado das ciências naturais (disciplinas primárias).

O sr. Buarque de Holanda manifesta a esse propósito sérias dúvidas de que tal tarefa possa ser levada a cabo no domínio das ciências históricas. As suas observações se aplicam mais rigorosamente às tentativas ingênuas de matematização da história, psicologia ou sociologia. O crítico paulista discute esse problema animado de um sadio pessimismo, pois é evidente que nada indica ainda remotamente qualquer possibilidade de se executar esse ambicioso projeto.

Seria ingenuo, por outro lado, acreditar que a redução da história à economia ou outras ciências possa verificar-se nas mesmas condições em que amplos capítulos da química foram reduzidos à estrutura da física, mediante a tradução dos termos daquela disciplina na linguagem da teoria atômica. Ora, tanto a formalização da história, como a sua equiparação a outra disciplina básica seriam, diante dos recursos

atuais da lógica formal, comparáveis ao trabalho de unificação das artes ou de sua transformação em um único modo...

Pois é precisamente a história — fator comum a tôdas as disciplinas — que permanecerá provavelmente irreduzível a qualquer tentativa de matematização. O domínio histórico é o campo em que se movimentam as forças irracionais, os interesses e as tendências afetivas, os valores misteriosos de variáveis desconhecidas e parâmetros ocultos. Nesse setor será sempre pouco fecunda a técnica que consiste em formular postulados básicos e deduzir dessas proposições primitivas uma série de consequências relevantes.

O que parece mais provável é que a formalização da economia e da sociologia se reflita indiretamente na esfera do conhecimento histórico. O trabalho de Lazarsfeld e Lundberg em sociologia indica diretrizes que poderão orientar os futuros pesquisadores. A extensão do método científico à história obedecerá, portanto, a princípios estratégicos diferentes daqueles que se fizeram valer no domínio dos fatos naturais.

A história dificilmente adquirirá o "status" lógico-formal de uma disciplina positiva mediante recurso direto às leis de derivabilidade sintática e aos processos modernos de matematização. E' possível, porém, que o progresso de outras ciências, muito próximas da história, no sentido de utilização crescente da técnica de formalização contribua para eliminar parcialmente os efeitos desastrosos do diletantismo literário e filosófico sobre uma disciplina que não se caracteriza pelo rigor sistemático de suas construções.

—X—

(1) "Mechanistic Explanation and Organismic Biology" — Philosophy and Phenomenological Research — March, 1951.

Artigo referente a polémica com Euryalo Cannabrava.

5847
Pt 62. ex 14.
Amanhã.
Luzil Buarque citava
5/10/29